

FHC não teme ação de especuladores

Analistas econômicos alertam que o governo precisa mostrar aos investidores externos que o País é diferente da Rússia

Assunção — O presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem que o Brasil está preparado para se defender em quaisquer circunstâncias de um ataque especulativo decorrente da crise financeira internacional. “Evidentemente, a crise afeta todos os países”, reconheceu o presidente. Mas ressaltou: “Agora, (de) choque especulativo o Brasil está preparado para se defender”.

O presidente minimizou os dados sobre o comportamento do mercado de câmbio, que indicou na quinta-feira uma saída US\$ 820 milhões, o maior volume registrado no mês. “Esse negócio de sobe um mês US\$ 800 milhões, US\$ 2 bilhões no outro, não importa, qualquer que seja a quantidade de recursos que tenha para entrar não é uma coisa que nos preocupa.”

A crise que vem abalando os mercados financeiros internacionais é o primeiro grande teste da globalização e impôs ao Brasil um estranho desafio: o País, quem diria, precisa mostrar aos investidores externos que não é, e não virá a ser, a Rússia. É esquisito, mas o governo sabe disso. O ministro da Fazenda, Pedro Malan, disse que a equipe econômica está preocupada em dar sinais nessa direção, brigando pela aprovação das reformas da Previdência e tributária, fundamentais para o ajuste fiscal, e reduzindo o déficit público.

Mas se essa indicação não for clara, o País corre o risco de enfrentar uma saída em massa de capital externo, o que poderia levar a mudanças na política cambial, pondo em xeque o plano de estabilização. O governo tem agido rápido para evitar um colapso. Na primeira cri-

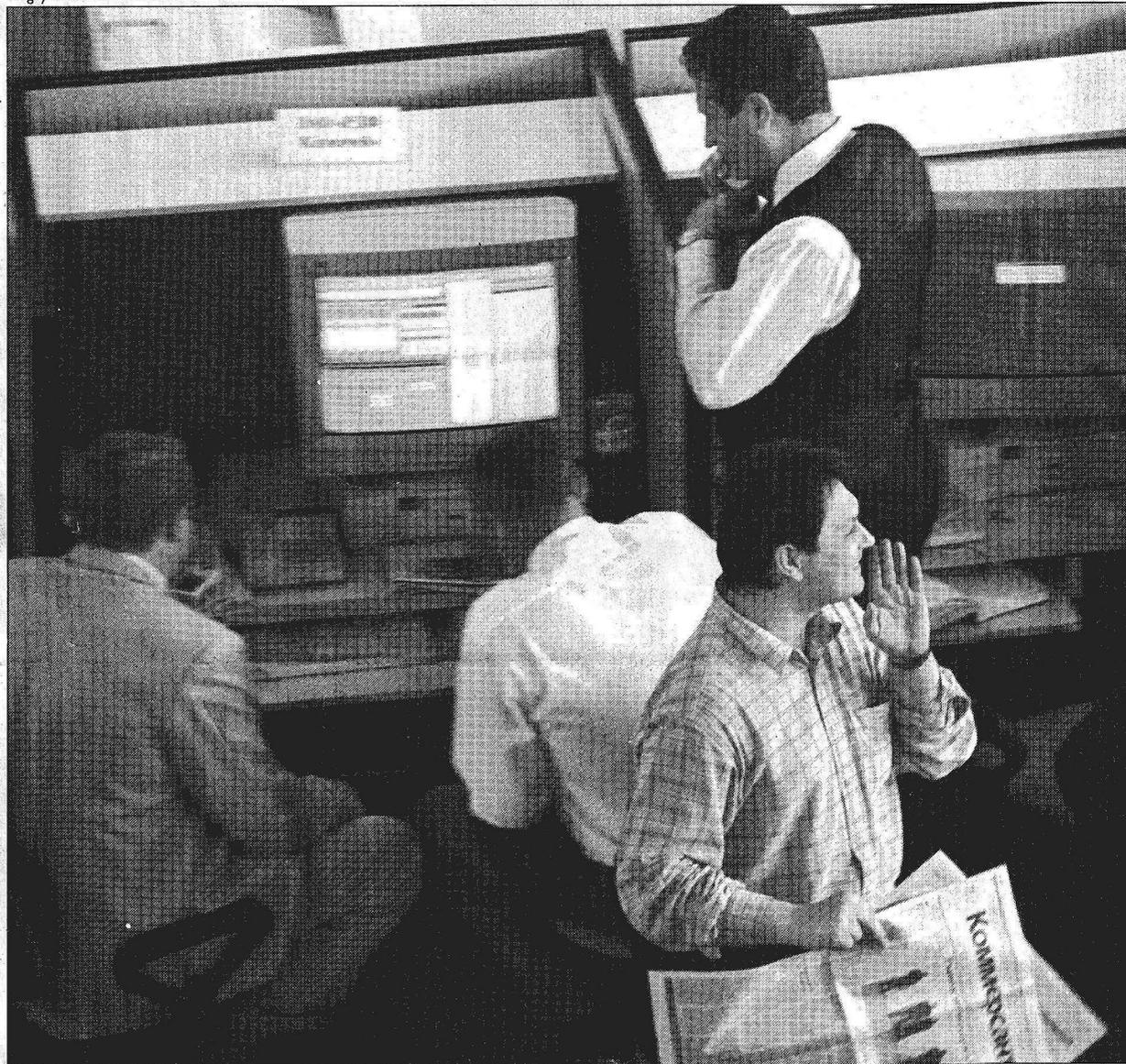
se do México, em 1982, o Brasil demorou cinco anos para agir. Na segunda, também no México, em 1994, levou cinco meses. Agora, apenas cinco dias.

O problema não é novo. Eclodiu em outubro do ano passado, com a crise de Hong Kong, mas a ameaça à economia mundial aumentou, de fato, nos últimos dias. Por quê? Antes, os Estados Unidos rapidamente montaram uma rede de proteção para os emergentes em crise e o Japão ainda não tinha mostrado ao mundo toda sua fragilidade. Agora, surgem dúvidas de que os EUA consigam arquitetar um movimento conjunto para evitar o colapso japonês e a economia russa desaba causando desconfiança em relação aos demais países emergentes.

Hoje, o cenário é diferente porque as duas locomotivas que puxavam o mundo, os EUA e o Japão, têm problemas. A situação do Japão é crítica e os Estados Unidos reduziram o ritmo de aceleração da economia porque têm dificuldades em suportar tantos vagões atrelados a ele de uma hora para outra. Pode parecer estranho que uma economia incipiente como a da Rússia, se comparada à brasileira, tenha poderes de ameaçar a estabilidade do oitavo maior Produto Interno Bruto (PIB) do mundo.

A bolsa da Rússia movimentou cerca de US\$ 20 milhões por dia, o PIB é de US\$ 440 bilhões e 30% da dívida interna, de cerca de US\$ 70 bilhões, estão nas mãos de estrangeiros e as exportações projetadas para este ano são de 19% do PIB. Houve perda de reservas cambiais, caindo para US\$ 16 bilhões, que não são suficientes para pagar to-

Sergey Chirikov/France Presse



Operadores da Bolsa de Moscou observam apreensivos mais uma queda no pregão ocorrida na última semana

dos os estrangeiros se eles resolvessem deixar o país.

A arrecadação na Rússia corresponde a 10% do PIB. Além disso, observa Marcelo Serfaty, sócio do Banco Pactual, a situação política na Rússia é complicada. O presidente Bóris Yeltsin não está bem de saúde e enfrenta a oposição do ex-general Alexander Lebed, um não-reformista eleito governador de uma província na Sibéria e que já lançou o projeto Lebed 2000.

A economia brasileira gira em torno de US\$ 800 bilhões, a bolsa de valores de São Paulo movimentou diariamente US\$ 600 milhões, a dívida pública interna de US\$ 250 bilhões pertence a credores domésticos e as exportações para este ano devem representar 7,1% do PIB, evidenciando uma dependência menor de dinheiro externo. As reservas cambiais giram em torno de US\$ 70 bilhões, e o capital estrangeiro de curto prazo que deixaria o país por

conta de uma crise não chegaria a US\$ 25 bilhões. A arrecadação no Brasil equivale a 30% do PIB. O presidente Fernando Henrique consolidou sua liderança nas eleições de outubro e as pesquisas já apontam sua vitória no primeiro turno.

“O governo vai concentrar esforços nos dois anos seguintes para concluir as reformas e mostrar ao mundo que o país trabalha para resolver seu problema fiscal”, declarou o ministro Pedro Malan.